

Acerca da Honestidade Brasileira

João Ubaldo Ribeiro, romancista baiano de renome internacional, certa feita, em entrevista ao semanário VEJA, publicação da Editora Abril em sua edição nº 1905, datada de maio de 2005, afirmou destemidamente que a desonestidade é característica do povo brasileiro. Suas palavras exatas foram:

“Nós vivemos num ambiente de lassitude moral que se estende a todas as camadas da sociedade. Esse negócio de dizer que as elites são corruptas mas o povo é honesto é conversa fiada. Nós somos um povo de comportamento desonesto de maneira geral, ou pelo menos um comportamento pouco recomendável.”

Não foi pouca a comoção causada por estas linhas impressas em páginas amarelas e lidas por milhões de brasileiros. Antes, porém, que na condição de espíritas e brasileiros venhamos execrar as opiniões deste grande escritor da atualidade, cabe analisar a realidade que nos cerca, e que por certo não poupa em dados que permitam a qualquer um coadunar da mesma idéia. Uma das qualidades que se atribui positivas do povo brasileiro é o popularmente conhecido “jeitinho brasileiro”. O que se pode alcançar por experiência e observação é que esta habilidade do brasileiro para encontrar os meios mais criativos de solucionar problemas por expedientes pouco ortodoxos, apenas se verifica porque leva em conta a sujeição de uma parcela das pessoas às leis vigentes.

É simples de compreender quando exemplificado – uma empresa que não emite a nota fiscal de um determinado produto que comercializa está sonogando impostos. Ao fazê-lo, furta do consumidor o quinhão pertencente ao governo, engordando seus lucros. A questão, todavia, não se resume apenas a isto; em nossa sociedade paternalista de profundos ranços ideológicos as vantagens e desvantagens, vemo-las distribuídas injustamente a uns e outros, sem critérios maiores. Quando um idoso apanha um coletivo gratuitamente ele tira vantagem dos demais passageiros que, não possuindo sua mesma idade, têm de pagar passagem. Cabe aos demais amortizar o valor correspondente àquele idoso, arcando com o aumento da tarifa do transporte coletivo, reajustado freqüentemente. Contrário não somos que os idosos possam gozar de seu merecido descanso, mas não seria ideal que cada um dispusesse de seu próprio transporte individual? Que tivessem uma aposentadoria que lhes facultasse não apenas arcar com as despesas de se manter um carro, mas também a saúde necessária para guiá-los?

Eis a diferença entre o ideal e o possível – um exala utopia, o outro exala a problema. Quanto mais crescer a população brasileira mais idosos haverá no futuro, e mais esse paternalismo social fará que todos trabalhem para sustentá-los. Não seria o caso de aculturar o povo para que pudessem saber decidir e planificar suas famílias, sem que a densidade demográfica explodisse entre as camadas menos cultas da população? Uma vez realizado este trabalho, em menos de quarenta anos a previdência social estaria dando conta de fornecer aos idosos esta “utopia”, sem deixar de socorrê-los quando por seus próprios esforços não pudessem se locomover – suas aposentadorias lhes permitiria pagar pelos serviços de enfermeiros e acompanhantes. Isto, todavia, não se verificou até o presente momento porque a Democracia impõe um mata-burro para a classe política – o de apenas alcançar os cargos que lhes interessa através do sufrágio.

Um povo cujo número é diminuto, permite a qualificação da instrução e cultura que consomem, por consequência, aumenta o senso crítico e o interesse por assuntos tais como a política, o que resultaria na progressão da qualidade dos indivíduos pretendentes a cargos políticos – uma nação tem os políticos que merece, e vice-versa – ou acaso há algum inocente apostando sua confiança nas boas intenções da classe política brasileira? Assim como se dá com os idosos, o assalariado brasileiro amortiza gastos correspondentes a classe política, eminentemente corrupta, fato demonstrado por muitos escândalos que perpassam todos os círculos de poder do Estado, e em todos os governos, não poupando um só daqueles que vestiram a faixa auriverde, no planalto central do Brasil.

A questão, todavia, é mais grave do que aparenta à primeira vista, e mais profunda do que apenas pode sonhar ideólogos e suas ideologias, tenham elas a origem que tiver – fato que todos deveriam conhecer, é que os produtos que compramos num simples mercado de esquina são taxados, ou seja uma porcentagem do seu valor final é imposto, repassado aos cofres do Estado. Uma vez concluído que o Estado é corrupto, nos tornamos cúmplices de tal corrupção ao consumir, por exemplo, um simples sabonete. Esta desonestidade indireta ou passiva é fruto de um estado de coisas (status quo) de responsabilidade de todos. No decurso de uma vida em que o conhecimento acumulado nos torna menos inocentes, mais cientes do mundo que nos cerca e dos sistemas que gerem as relações humanas, equivoca-se quem conclui que a desonestidade é traço cultural brasileiro – ela o é da imensa maioria dos Espíritos encarnados em nosso planetinha anil.

Allan Kardec, ao comentar a questão de nº 521 de *O Livro dos Espíritos* brinda-nos com a chave do entendimento desta palpitante questão. Vejamos:

“Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, as leis, sobretudo, porque o caráter da nação se reflete nas suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre eles combatem a influência dos maus Espíritos. Por toda parte onde a lei consagra as coisas injustas, contrárias à humanidade, os bons Espíritos estão em minoria e a massa dos maus, que para ali afluem, entretém a nação nas suas idéias e paralisam as boas influências parciais, que ficam perdidas na multidão, como espigas insuladas em meio de espinheiros.”.

Somos, na condição presente de brasileiros, achacados e pressionados diuturnamente por um sistema de corrupção ativa, cuja dinâmica marcha em mão-dupla em nossa sociedade – do povo para os governantes e deste de retorno ao povo; somos lobos canibalizando a nós mesmos. Nossas leis e processos burocráticos herméticos são fruto de uma nação ignorante, que se regozija de tal condição e espera que ela se perpetue. Assim, tornamo-nos o país do futuro – quem vive do futuro não sabe agir no presente, subsistindo de esperança e apenas isto. Esperar por esperar, sem agir, nos condenou a desonestidade, chancela que se lê nas entrelinhas daqueles cuja nacionalidade é brasileira, seja tal desonestidade ativa ou passiva.

Os Espíritos que nos cercam são, sem dúvida, da mesma estirpe que nós, e assim como moscas voam sobre a carniça, estes pululam a nossa volta, insuflando seus pensamentos, e por similitudes de inclinações morais, fixam-se mais fortemente neste ou naquele indivíduo, estabelecendo uma relação simbiótica que pode, em concordância com a natureza de ambos, decorrer em processo obsessivo cuja responsabilidade cabe aos encarnados, que atraíram para si tais seres. Desejosos de possuir um país melhor, uma classe política menos alienada e mais honesta, faz-se necessário uma ação direta, ou seja, temos de fazer por merecer, temos de nos tornar mais honestos e menos alienados.

O Espiritismo aí está para nos auxiliar – nós que espíritas somos temos depositado sobre os ombros uma responsabilidade que aí foi posta pela própria natureza da proposta espírita – mudar o mundo. E esta proposta é simples – melhore a si mesmo para ser um exemplo positivo para todos. Portanto, não é necessário pegar em armas e fazer uma revolução, não é preciso a virulência do radicalismo irresponsável, tampouco a adoção de ideologias que se pretendam utópicas, e que por isso mesmo hão de destruir-se todas. O Espiritismo é uma doutrina científica que avança sem licença ou aval de ninguém, mesmo dos espíritas brasileiros que cometeram o crime de transfigurá-lo em religião.

Terá sido em vão que a Doutrina dos Espíritos veio dar em terras tupiniquins? Sua presença cultural em solo brasileiro é apenas o cumprimento do enxerto acima transcrito; esta doutrina é a espiga insulada em meio a espinheiros – pode ser difícil encontrá-la, mas ainda está aqui. É por nossa gana, abdicando da astenia moral e intelectual reinante que a encontraremos e reconheceremos.